

As origens do Dubstep

Do UK Garage aos dias atuais, uma breve introdução ao tema

Bruno Belluomini e Natalie Valili

Se hoje em dia Burial, Kode 9 e Skream são nomes que você já ouviu falar, saiba que isso levou um bom tempo para acontecer. Com a popularização do termo em forums, flyers e line-up de festas ao redor do mundo, já há especulações sobre a paternidade do estilo. Assim surge a questão: quem é o pai da criança? A pergunta não quer calar.

Citado pela grande mídia estrangeira nos últimos tempos como “a nova sensação do momento”, é inevitável que sua história seja diluída e subestimada. Afinal de contas, para alguns se trata apenas de mais uma notícia passageira. Mas algumas publicações especializadas não deixaram a peteca cair e investigaram o fenômeno à exaustão. A pioneira nesse sentido foi a revista norte-americana XLR8R. Em julho de 2002, a palavra Dubstep foi estampada na sua capa e as principais matérias da edição foram dedicadas exclusivamente ao tema.

Eleito um dos melhores álbuns de 2006 pelas revistas XLR8R, The Wire, Fact e até mesmo pelo jornal britânico The Observer, o trabalho homônimo de Burial resgata as origens do Dubstep. Por outro lado, com objetivo explícito de trazer à tona as raízes do gênero, o Tempa – selo seminal, responsável pela série de CD mixes Dubstep Allstars –, lançou a compilação Roots Of Dubstep, dedicada aos sons que rolavam na noite FWD, entre os anos 2000 e 2004.

Recentemente, Hatcha e Youngsta mixaram o Dubstep Allstars Volume 4 e N-Type acabou de entregar o quinto volume da série. Baseado em Bristol e sob a direção do DJ e produtor Pinch, o selo Tectonic fez uma compilação do seu catálogo, com faixas dos maiores expoentes do estilo, o Tectonic Plates. Nos EUA, a loja Breakbeat Science, de Manhattan, Nova York, lançou o CD Science Faction Dubstep, mixado pelo DJ Clever. No Brasil, o Tranquera.org prepara seu primeiro showcase com talentos nacionais.

Muitas vezes confundido como variação do Jungle e do Drum’n’bass, o Dubstep, ao contrário do que pode parecer, evoluiu de forma independente dos seus primos de primeiro grau. Vem da máquina rítmica do UK Garage e, por consequência, é descendente direto do House. No início da década de 90, após a explosão do Acid House e ao longo da era Hardcore da música eletrônica britânica, as raves Jungle também tocavam UK Garage – nome dado ao House instrumental com maior velocidade, mais adequado ao gosto urbano inglês na ocasião, também conhecido como Speed Garage.

“Na época do Jungle, o UK Garage rolava na segunda pista”, explica Martin Clark, jornalista e um dos principais entusiasta do Dubstep no Reino Unido. Enquanto o Jungle evoluía do Hardcore Techno através de batidas quebradas desconcertantes cada vez mais aceleradas, o predecessor do Dubstep, então chamado 2-Step, retirava a segunda e a quarta marcação dos bumbos do House e distribuía pratos de condução pelo espaço faltante, criando uma pegada fraturada e dançante, diferente do esquema 4x4 original.

“Conforme o Drum’n’bass foi ficando cada vez mais rápido, pesado e barulhento, as garotas acabaram preferindo as pistas de UK Garage. Também havia uma grande quantidade de ex-ravers adultos que freqüentavam as festas que rolavam aos domingos, normalmente depois de um final de semana badalado. As rádios piratas também tocavam UK Garage no domingo à tarde”, diz Simon Reynolds, jornalista, crítico musical e autor do livro Energy Flash: A Journey Through Rave Music And Dance Culture (1998).

Dub e Reggae sempre foram a trilha sonora de boa parte dos subúrbios ingleses. Hoje, aproximadamente 5% da população de Londres é descendente de imigrantes jamaicanos. Assim como ocorreu com o Jungle, não poderia deixar de acontecer com o 2-Step. MCs cantavam e rimavam no idioma do seu país, mas não negavam a tradição musical dos seus antepassados. O resultado foi uma profusão significativa da cultura e da música jamaicana com o som eletrônico da época, transmitido pelas rádios piratas locais e prensada em tiragens de vinil.

“Um som muito particular surgiu no Reino Unido: um pouco mais rápido, com linhas de baixo pesadas, inspiradas no Jungle e com uma forte influência de Dancehall e Reggae. Tinha vocais de diva como no R’n’B e o instrumental era semelhante ao lado B dos discos de House norte-americanos. As pessoas jogavam efeitos que soavam Dub, era como uma versão jamaicana de House. O som pegou e se espalhou rapidamente, criando uma cena diferente. Alguns eram fãs de Jungle desiludidos, chateados com o rumo que o Drum’n’bass havia tomado, outros eram apenas fãs de House à procura de uma versão britânica do som, já que a norte-americana havia se tornado chata demais”, explica Simon Reynolds.

No final da década de 90, alguns produtores de 2-Step tais como El-B, J Da Flex, Oris Jay – Darqwan, hoje DQ1 –, Steve Gurley e Zed Bias desenvolveram uma predileção por arranjos mais sombrios. Cada vez mais, o som representava o espírito urbano, caótico, decadente, sinistro e paranóico das grandes metrópoles. O Dark Garage foi a fase de transição entre o 2-Step e o Dubstep. O termo foi usado em alguns artigos da época, mais para ilustrar a estética sonora vigente do que para segmentar o estilo. O subgrave, elemento que caracterizou o Jungle por um bom tempo, foi amplamente explorado. Com camadas rítmicas enxutas, mas não menos complexas, os produtores miraram as baixas frequências do espectro sonoro. Desde então, o gênero progrediu para um lugar no futuro onde as tradições musicais jamaicanas desempenharam um papel definitivo e marcante.

Nasce o Dubstep

A noite FWD, ativa desde 2001 no club londrino Velvet Rooms, servia de palco para artistas conhecidos e porta de entrada para novos talentos. Os jovens Benga, Chef e Skream vinham de Croydon, região sul de Londres. O escocês Kode 9 também havia se instalado nas proximidades, no final da década de 90. Mark One, hoje MRK1, atacava de Manchester e DQ1 representava Sheffield. Mas era o trio Horsepower Productions que melhor resumia o espírito sonoro da cena: bases marcadas pelo compasso do 2-Step, com samples de sons indianos, jamaicanos e orientais, apoiadas sobre linhas de baixo expressivas e cheias de groove – tudo isso amarrado por um tom irreverente e bem animado. Através da FWD, o 2-Step recebeu doses cavalares de inércia rítmica e, ao invés de uma letargia estanque, sua evolução seguiu em frente, com a inserção dos fundamentos do Dub e da cultura dos sound systems. As faixas não perdiam velocidade e mantinham a média de 138 batidas por minuto, mas seu andamento arrastado e quebrado sugeria uma sensação de lentidão, criando uma atmosfera claustrofóbica completamente imersa nos subgraves. O termo Dubstep foi aceito e passou a ser usado e reconhecido como algo distinto e inovador.

A região de Croydon é considerada o berço do Dubstep, pois lá viviam seus principais expoentes. A área também consta como endereço da extinta loja Big Apple, que abrigava um dos DJs veteranos mais importantes da cena, Hatcha. Ele foi responsável pela seleção do primeiro volume da série Dubstep Allstars – um marco na história do gênero. Lançado em 2004 pelo Tempa, selo da agência de promoções Ammunition, o mix traz a clássica “Sholay”, faixa de Benny Ill, do Horsepower Productions, e Dinesh, um autêntico pancadão universal, com arranjos étnicos transculturais. A versão original de “Moonson” – produzida por Skream e que para muitos só é conhecida pelo remix recente de Loefah – está presente.

A Big Apple funcionava como ponto de encontro e tinha alguns títulos próprios em catálogo. Toda uma geração de grandes produtores passou pelo local. Benga, Skream, Coki, Mala e Loefah possuem discos lançados sob o código BAM; iniciais atribuídas à loja. "Eu praticamente vivia naquela loja porque meu irmão trabalhava lá. Levava todas as minhas músicas para o Hatcha escutar. Então eu e o Benga fizemos a 'Judgement' e tudo começou", explica Skream.

Em 2004, surgiram outras coletâneas. O Rephlex, respeitado selo do gênio e visionário Aphex Twin, colocou na banca dois volumes de uma compilação cujo nome inspirou muita controvérsia na época. A primeira "Grime" apresentou faixas de MRK1, Plasticman – hoje Plastician – e Slaughter Mob. A segunda trouxe Kode 9, Coki, Mala e Loefah. A confusão ocorreu pois para alguns, embora MRK1 e Plastician fizessem um crossover entre Grime e Dubstep, os demais produtores envolvidos no projeto pouco representavam o estilo. "A Rephlex chamou a compilação de 'Grime' porque eles estavam por fora e acabaram tomando uma decisão equivocada", afirma Martin Clark. Discussões calorosas à parte, fato é que todos os artistas envolvidos ganharam o mundo. Muitas portas se abriram, para além do bate-boca virtual na internet.

As rádios piratas inglesas desempenham um importante papel na propagação da cena Dubstep. Assim como as lojas de vinil e os estúdios de masterização que cortam dubplates, elas são responsáveis pela manutenção contínua da sua cultura. DJs como Chef, N-Type, Quiet Storm e muitos outros, apresentam produções que ganharão as ruas nos próximos meses. Algumas faixas levam anos para serem lançadas, mas sua relevância faz com que sejam desejadas pela comunidade e, assim, a encomenda da tiragem em vinil é certa. Grandes nomes têm sucesso absoluto e grupos de produção iniciantes bancam suas primeiras tiragens com dinheiro do próprio bolso.

Uma verdadeira rede de selos independentes e distribuidoras garantem que artistas locais atravessem as fronteiras do mercado doméstico e cheguem nas mãos de DJs ao redor do mundo. Uma das mais antigas rádios piratas ainda em atividade é a Rinse FM. Sua programação é transmitida na internet, mas devido a problemas técnicos frequentes e até mesmo por uma questão de segurança, isso nem sempre é possível. Numa rara ocasião, a fotógrafa e jornalista Georgina Cook se aventurou numa sessão pirata e registrou uma de suas transmissões. As fotos estão no seu Flickr ^[1].

O Grime é uma variação do 2-Step, com ênfase nos vocais dos MCs, que fazem batalhas de rimas viscerais em duelos explosivos ao microfone. Também conhecido como "Garage Rap", pode ser considerado o verdadeiro Hip Hop britânico. De certa forma, seus entusiastas constroem bases instrumentais cruas e expressivas, com softwares simples e computadores sem muitos recursos. Para a maioria dos fãs do estilo, o que vale é a máxima "faça você mesmo". Em princípio hostilizado por DJs e produtores mais velhos, ganhou popularidade entre a juventude urbana inglesa pela facilidade com que podia ser produzido e distribuído. Alguns especulam que o termo Grime – o "UK Garage sujo" – surgiu por puro preconceito. Hoje há uma grande quantidade de MCs que se agrupam em coletivos, sendo Roll Deep, Nasty Crew, Newham Generals e Ruff Squad os mais influentes. Seus principais expoentes são Dizzee Rascal, Wiley, Kano, Bruza, Crazy Titch, Danny Weed, Davinche, Doctor, Ears, Flowdan, Jammer, JME, Napper, Riko, Shizzle, Skepta, Terrordanjah, Tinchy Stryder, Trim e Venom. As garotas são representadas por Lady Fury, Lady Sovereign, Mizz Beats, No Lay e Shystie. Mas nem só de "sujeira" vive o estilo: há também o R'n'G, ou Rhythm and Grime, uma versão inglesa de R'n'B, cantada sobre bases de UK Garage, 2-Step e variações. O fotógrafo Ewan Spencer registrou a juventude urbana inglesa contemporânea e a cena Grime no livro *Open Mic* (2005).

DMZ

Com um 12" debaixo do braço trazendo a chancela da Big Apple, os Digital Mystikz – Coki e Mala – alçaram vôo próprio. Após Twisup (2004), surgiu o segundo DMZ, intitulado Dubsession (2004). Nomes como Iration Steppas e Jah Tubbys, consagrados sound systems ingleses, eram as referências que mais se aproximavam da síntese sonora que a dupla havia criado e ainda assim havia algo diferente no ar. Loefah sampleou trechos do filme American Psycho (2000). Os lamentos e gritos à distância se desmanchavam no ar, através de um fluxo febril de ecos apavorantes. A cadência quebrada pela metade – apelidada de "Halfstep" – e o clima fantasmagórico de gelar a espinha cativaram um dos DJs pioneiros na cena, Youngsta. Seus sets ficaram marcados pelo estilo e influenciaram muitos outros DJs e produtores. Autor do mix Dubstep Allstars Volume 2 (2005), seu nome acompanha o título do CD que traz produções de D1, Digital Mystikz, Loefah e Skream. Youngsta é conhecido não só pela sua técnica apurada mas também pela grande quantidade de dubplates que possui, com produções de poucos e seletos nomes. O DJ faz questão de primar pela qualidade e prefere aguardar o amadurecimento de novos talentos antes de mandar cortar as faixas que toca.

Em 2005, os Digital Mystikz comemoraram o primeiro aniversário do DMZ no 3rd Base, parte do club The Mass, em Brixton. "Nós escolhemos Brixton porque vivemos a 15 minutos de carro do The Mass. Todos nós somos do sul de Londres e achamos perfeito fazer nossa festa lá", explica Mala. Além dele, Loefah e o MC Sgt. Pokes são os residentes da noite. "Coki, Sgt. Pokes e eu estudamos juntos e nos conhecemos desde os 11 anos de idade. Conhecemos o Loefah em 1995 através de amigos. Nós logo chegamos à conclusão de que gostávamos das mesmas coisas, das mesmas músicas", diz Mala. O sound system DMZ é poderoso, ideal para experimentar o efeito desconcertante provocado pela grande quantidade de ar deslocado das caixas de subgrave. Por conta do ineditismo do som e da propaganda boca a boca, a noite logo se tornou uma referência de sucesso.

O hype

O começo de 2006 foi decisivo para despertar o interesse da grande mídia pelo Dubstep. Mary Anne Hobbs, cultuada apresentadora da emissora inglesa BBC Radio 1, juntou um time de primeira e produziu o especial Dubstep Wars – tudo registrado por Georgina Cook, com fotos que podem ser encontradas no seu Flickr [2]. DJs e MCs foram ao ar, mostrando ao mundo o que estaria por vir. Do excitante experimentalismo do Vex'd aos hits coloridos e quentes de Skream, o programa trouxe sons para todos os gostos. O produtor e DJ Distance mostrou sua pegada com influências de Heavy Metal, os Digital Mystikz deixaram claro suas raízes no Dub, Youngsta e Hatcha representaram o pionismo na pista e Benga sacou faixas do seu álbum independente, o Newstep, que lhe rendeu lançamentos no selo Planet Mu de Mike Paradinas. O especial ainda apresentou os "embaixadores" do estilo no mundo com representantes de diversos países, inclusive o Brasil.

Foi sensível a influência e o alcance do Dubstep Wars. A comunidade virtual Dubstepforum.com recebeu ondas de novos membros nos meses seguintes e a quantidade de artistas, produções, selos, podcasts e radio shows transmitidos pela internet aumentou de forma significativa. Alguns produtores de Drum'n'bass também subiram à bordo: Juju, Skynet e Tech Itch foram os primeiros. Praticamente todas as publicações não especializadas no assunto dedicaram páginas sobre a novidade. No entanto, a popularidade não elevou o "padrão de qualidade" estabelecido pelos pioneiros da cena como alguns otimistas haviam previsto. Muito pelo contrário: novos talentos surgiram e foram descobertos, mas poucos conseguiram convencer quem já estava integrado às dinâmicas da cena antes do seu boom.

Hyperdub

Em 2006, Kode 9 foi escolhido para produzir o terceiro Dubstep Allstars. Com o objetivo de incentivar novos talentos, Steve Goodman selecionou as faixas mais recentes na ocasião e revelou nomes como Blackdown, Geiom, Krave e Random Trio para o grande público. O DJ criou uma atmosfera na contramão do que a lógica poderia sugerir. Seu mix começa rápido, uptempo, com uma pegada inspirada no Dancehall e no Reggae. Lentamente a paisagem sonora perde velocidade e induz a um coma sonoro profundo. Os vocais do MC Spaceape – que é capaz de confundir até mesmo os fãs de Daddy G do Massive Attack, por conta da semelhança do timbre de voz – acentuam essa sensação. Dubplates cortados em 10" foram usados para gravar a seleção e é possível ouvir o chiado do vinil estalando nas agulhas dos toca-discos.

O Hyperdub surgiu como plataforma virtual para as idéias – não só sonoras – de Steve Goodman e seus chegados. O site abrigava artigos de Martin Clark, Kodwo Eshun e do próprio Kode 9, além de hospedar mixes com nomes sugestivos: Broken Techno, A Virus To Be Loved, entre outros. No entanto, a interface do Hyperdub mudou e seus arquivos foram deletados do ciberespaço. Atualmente, por meio de uma iniciativa do fundador do site canadense Riddim.ca, Paul Autonomic, o antigo conteúdo do Hyperdub – agora chamado UK Garage Archive – pode ser acessado novamente ^[3].

Os primeiros títulos do catálogo do Hyperdub foram lançados em 10". Burial surgiu em vinil, mas foi seu CD que conquistou destaque na grande mídia. A prévia do álbum aconteceu no programa de Mary Anne Hobbs e a notícia gerou grande expectativa. Kode 9 não decepcionou: com pouco mais de 20 minutos de áudio, o mix apresentou o impressionante trabalho de ourivesaria de Burial. Suas faixas são construídas em softwares simples, limitados em recursos e efeitos, muitas vezes difíceis de se encaixar. Isso porque algumas batidas ficam meio soltas, numa licença poética pouco encontrada hoje em dia. Os blocos percussivos são calcados no 2-Step, variando em tempo, podendo chegar ao House. Algumas faixas como "Broken Home" não seguem os padrões ritmicos mais comuns. De uma maneira geral, tudo fica suspenso no ar, fixo por ecos e reverberações que se inspiram no Dub. Arranjos expressivos e melódicos variam do claro ou escuro, do cinza ao colorido. Michael Jackson, samples de filmes e ruídos de toda espécie surgem na densa paisagem sonora de Burial. Definitivamente uma das melhores surpresas de 2006.

Notas

1. <http://www.flickr.com/photos/drumzofthesouth>
2. Idem
3. <http://www.riddim.ca>